

A NOTÍCIA HUMANISTA

Marcela Feriani Amin¹

Resumo:

O presente artigo tem o intuito de provocar uma reflexão sobre a produção da notícia a partir da perspectiva humana. Como objeto de estudo, passagens do livro-reportagem Hiroshima, de John Hersey, foram utilizadas para exemplificar o que é a notícia humanista. Realizando uma breve comparação com mitos e arquétipos, fundamentada nos estudos de Joseph Campbell, a autora apoia-se na jornalista Cremilda Medina para questionar as narrativas da contemporaneidade e apresenta estratégias narrativas provindas do jornalismo literário como ferramentas de humanização da notícia, tendo como referência a obra de Edvaldo Pereira Lima.

Palavras-chave: Jornalismo literário. Jornada do Herói. Narrativas. Mitologia. Técnicas literárias.

Texto

“A bomba atômica”. O título da matéria publicada pelo jornal britânico The Guardian no dia 7 de agosto de 1945 resume, de fato, o que vem a seguir: um texto sobre a bomba. A preocupação com o futuro das relações internacionais após seu descobrimento e utilização, o seu inigualável potencial de destruição, a legitimidade de seu uso no ataque contra Hiroshima e os processos técnicos que envolvem a sua produção foram os principais tópicos abordados. Em contrapartida, o livro-reportagem Hiroshima, de autoria de John Hersey, reconstituiu o dia da explosão da bomba atômica a partir dos depoimentos de seis sobreviventes:

No dia 6 de agosto de 1945, precisamente às oito e quinze da manhã, hora do Japão, quando a bomba atômica explodiu sobre Hiroshima, a srta. Toshiko Sasaki, funcionária da Fundação de Estanho do Leste da Ásia, acabava de sentar-se a sua mesa, no departamento pessoal da fábrica, e voltava a cabeça para falar com sua colega da escrivania ao lado. Nesse exato momento, o dr. Masakazu Fujii se acomodava para ler o Asahi de Osakava no terraço de seu hospital particular, suspenso sobre um dos sete rios deltaicos que cortam Hiroshima (HERSEY, 2002, p.7).

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero. E-mail: mferianiamin@gmail.com.

A diferença encontrada entre os dois artigos não se dá, simplesmente, por tratar-se de um jornal diário e um livro-reportagem, com diferentes situações de prazos e objetivos a serem alcançados. Nesse ponto faz-se importante ressaltar que, originalmente, o trabalho de Hersey foi publicado em uma edição especial da revista *The New Yorker* no dia 31 de agosto de 1946, e lançado no formato de livro apenas dois meses depois. O fato é que o texto do *The Guardian* fala sobre uma “coisa”, um objeto: a arma nuclear. Em Hiroshima o foco está nas pessoas, não na bomba. Essa é a notícia humanista.

O jornalista, professor e escritor Edvaldo Pereira Lima afirma que a função do jornalismo é informar, explicar e orientar, enquanto “as funções subjacentes são muitas, variadas, incluindo-se no rol a função econômica, a ideológica, a educativa, a social, entre outras” (LIMA, 2004, p.12). O que diferencia essa prática profissional da de mero relator de acontecimentos é a árdua tarefa de orientação diante do caos. Na notícia humanista tal orientação pode ser facilitada pelo fenômeno da identificação.

Em *O Poder do Mito*, série de entrevistas que Joseph Campbell concedeu ao jornalista Bill Moyers, o mitólogo norte-americano retrata o mito como experiência de vida. Assim, o mito conduz as pessoas ao nortear o sentido das coisas e “ajuda a colocar sua mente em contato com essa experiência de estar vivo. Ele lhe diz o que a experiência é” (CAMPBELL, 1990, p.6). Da mesma forma, a notícia humanista pode orientar, guiar e amparar. Ela abraça o objetivo primordial de informar e vai além, fazendo uso da experiência humana para provocar a reflexão e, conseqüentemente, a compreensão. De acordo com a jornalista e pesquisadora Cremilda Medina, “a arte de narrar acrescentou sentidos mais sutis à arte de tecer o presente” (MEDINA, 2003, p.47). Esse exercício está intimamente atrelado ao olhar humanizado. Narrar exige ir além do relato, é preciso sentir e, no que diz respeito ao jornalismo tradicional, é preciso quebrar regras e padrões.

Em razão da necessidade de alcançar leitores distantes e variados, independentemente de seu grau de escolaridade ou poder econômico, livros didáticos e manuais de redação definiram regras gramaticais, critérios de padronização de linguagem, estilo e conceitos a fim de que o produto final seja sempre um texto claro, imparcial e objetivo, que cumpre com o papel de informar o que, onde e como determinado fato de interesse público aconteceu. Para atingir tal objetivo, logo no início do texto o leitor deve encontrar as respostas para seis perguntas básicas: "O quê" e/ou "Quem?", "Quando?", "Onde?", "Como?", e "Por quê?". Tais componentes dão forma ao chamado *lead*, expressão provinda do verbo da língua inglesa que significa "conduzir", e que, de acordo com Lima (2004) podem ser "distribuídos de três maneiras distintas, conforme se opte pela técnica da pirâmide invertida, da pirâmide normal ou da pirâmide mista" (LIMA, 2004, p.17), sendo a primeira a mais disseminada. Em sua obra O Livro-reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura, Lima (2004) aponta que tal fórmula, atrelada ao objetivo de informar de maneira rápida e precisa, pode ser criticada como superficial e incompleta (p.17).

Entre manuais de redação, *leads* e *deadlines* sufocantes, grande parte dos jornalistas encontra-se afogada em limitações e "reducionismos técnicos de uma racionalidade monádica ou maniqueísta" (MEDINA, 2003, p.49), sem tempo, prática ou espaço para ultrapassar o que está entregue, explícito. A busca constante pela explicação, por meio de respostas conceituais aos porquês, fecha a notícia em uma caixa de gráficos pomposos, na tentativa de apresentar, em linhas, cores e números, tanto a seca nordestina quanto o trânsito paulista.

O exercício das narrativas, na trajetória humana, carrega consigo as dificuldades racionais (o aprendizado dos esquemas narrativos), intuitivas (o enriquecimento contínuo da sensibilidade, uma espécie de radar profundo para sentir o mundo) e operacionais (a ação do escrever-se e a dialogia numa escrita coletiva). Fenômenos e instituições que registram esta experiência, como é o caso do jornalismo, vêm constituindo uma gramática narrativa há séculos e, no entanto, não chegaram às fórmulas mágicas que chamem a si a competência para pautar e comunicar o que se passa à nossa volta (MEDINA, 2003, p.48).

Não há fórmula mágica ou matemática para humanizar uma notícia, mas o legado formado pelo *New Journalism* e o Jornalismo Literário apresenta técnicas que, quando bem empregadas no encontro com a realidade, podem cumprir esse papel.

O *New Journalism* representa uma corrente popularizada na década de 60, precisamente nos Estados Unidos. Em meio a tantos questionamentos de ordem política e comportamental provindos da contracultura, alguns jornalistas começaram a questionar os padrões que determinavam a forma como o jornalismo deveria ser feito, e passaram a se inspirar em escritores como Hemingway, Faulkner e Steinbeck para incorporar elementos e técnicas literárias próprias dos romances norte-americanos para atingir outro fim: o da informação aprofundada.

Representados, especialmente, por Gay Talese, Truman Capote e Tom Wolfe, esses jornalistas voltaram-se ao mergulho intenso da produção de histórias reais, assim “à objetividade da captação linear, lógica, somava-se a subjetividade impregnada de impressões do repórter, imerso dos pés à cabeça no real” (LIMA, 2004, p.195).

Quando produziam perfis humanos, os novos jornalistas como que se grudavam com seus personagens, qual carrapatos, acompanhando-os, observando-os à exaustão, até que espontaneamente aconteciam as cenas do cotidiano realmente reveladoras do personagem, seu comportamento, suas atitudes, seu status de vida, suas contradições (LIMA, 2004, p.206).

Faz-se necessário ressaltar que a expressão *New Journalism*, ao contrário do que pode parecer, era pejorativa. Seus “integrantes” (entre aspas por não se tratar de um grupo estabelecido de maneira formal) eram chamados de “aqueles que não escrevem direito”. A veracidade dos diálogos era questionada, bem como outros tantos recursos utilizados, como o monólogo interior, a cena a cena e descrições de sentimentos íntimos dos personagens. Lima (2004) explica que Tom Wolfe respondia os críticos e acusadores com ironia, afirmando que estes simplesmente “não concebiam que se pudesse fazer jornalismo com tal nível de precisão, mas precisão que abarcava tanto a objetividade quanto a subjetividade” (LIMA, 2004, p.206).

Trata-se de um movimento que representa o que acontecia nos Estados Unidos naquele momento histórico específico, apesar da influência que exerceu em outros países. Dessa forma, “é possível verificar que o atual jornalismo literário transmutou o legado do *new journalism* e o aproveita, em parte que seja” (LIMA, 2004, p. 209).

A definição *Literary Journalism* também surgiu nos Estados Unidos. Em outros países pode ser conhecido como Jornalismo Narrativo, Literatura de Não-Ficção, Literatura da Realidade, Jornalismo em Profundidade, entre outros. O fato é que a literatura é presente como forma, não como conteúdo, ou seja, trata-se do uso da linguagem esteticamente trabalhada no texto jornalístico, independente do assunto a ser tratado. Sendo assim, a literatura representa a fuga da pirâmide, com alternativas de escrita diante da técnica tradicional do *lead*. A realidade é exposta de forma ampla e complexa.

Entre as principais características encontradas em estudos e análises de trabalhos que representam o Jornalismo Literário, estão a humanização, a imersão, o estilo, a voz autoral, o uso de símbolos e metáforas, a digressão e a precisão de dados e informações.

Imersão requer vivência com o personagem, acompanhamento do real. É uma característica inerente à notícia humanista. A rotina sufocante muitas vezes não permite que o repórter se aproxime do entrevistado, o que prejudica por completo a etapa de apuração, pois é ali, olho no olho, que se percebe a relutância ao tocar em determinado assunto, a mágoa, o brilho, as sutilezas. Uma vez que o repórter gaste as solas do sapato em um mergulho profundo de realidade, os limites de caracteres não mais serão o bastante.

A precisão de dados e informações é uma característica importante para que a informação seja, de fato, levada ao leitor. Na notícia humanista, a diferença encontra-se na forma como os dados são colocados no texto. A título de exemplo, Hiroshima:

Numa cidade de 245 mil habitantes, cerca de 100 mil haviam morrido ou iriam morrer em breve; outros 100 mil estavam feridos. Pelo menos 10 mil feridos se arrastaram até

o melhor hospital de Hiroshima, que não tinha condições de abrigá-los, pois contava apenas seiscentos leitos e todos já estavam ocupados (HERSEY, 2002, p.32).

Ao comparar os dados de mortos e feridos com o número de habitantes da cidade antes da bomba, John Hersey desenha uma cidade devastada e moribunda, mas, sobretudo, pulsante, dolorosa. E isso é, também, estilo. Na notícia humana não há um jeito certo de contar a história, mas sim diferentes estilos que variam de acordo com o autor, deixando exposta a sua voz autoral.

O narrar pressupõe a existência de um narrador com sentimentos e sensações, enquanto o relatar do jornalismo frio nega a existência de um narrador, da pessoa por trás da notícia. Porém, para que o texto exista, ele precisa ser produzido por alguém e o jornalismo literário assume essa verdade, de forma que a interpretação do autor diante do fato está sempre presente no texto, ainda que indiretamente.

É preciso desconstruir o discurso da imparcialidade, uma vez que não é o jornalismo humanista, literário ou o Novo Jornalismo que é subjetivo, mas sim o próprio repórter, enquanto captador da realidade. Todo e qualquer acontecimento é absorvido a partir de fatores diversos, como o seu conhecimento adquirido, a experiência vivida e a sensibilidade. Tais impressões podem estar presentes de forma direta ou indireta no texto, mas ignorá-las por completo durante quaisquer das etapas de produção não é uma possibilidade, como explica Lima (2004):

Não pode haver neutralidade, imparcialidade, verdade absoluta, quando os mecanismos de captação do real são condicionados por uma série de fatores pessoais – do repórter, sua formação, sua cosmovisão – e conjunturais – da empresa jornalística, seu escopo ideológico, seus comprometimentos nos planos econômico, político, social –, que limitam a compreensão do mundo (LIMA, 2004, p.100).

O uso de símbolos e metáforas pode fazer parte do estilo do autor, constituindo uma característica inteiramente literária da notícia humanista. Isso significa o trabalho da

linguagem não usual, de figuras de linguagem que podem facilitar a compreensão e enriquecer o texto por meio da função poética.

Mesmo sem fórmulas, existem, ainda, estratégias narrativas que podem ser utilizadas para que a notícia seja humanista. A narração cena a cena permite a reprodução de diálogos significativos, com o uso de travessões e citações diretas das personagens envolvidas. Em Hiroshima, Hersey não utiliza travessões, mas reproduz diálogos em citações, como no trecho: “A sra. Nakamura escavou mais um pouco, abriu um buraco e pegou a filha pelo braço. “*Itai!* Está doendo!”, Yaeko gemeu. “Agora não dá tempo de dizer se dói ou não”, a mãe gritou, puxando-a para cima” (HERSEY, 2002, p.9).

A presença de símbolos de status indica qual é o estilo de vida de cada personagem, seja ao mencionar as roupas que vestem, os ambientes que frequentam ou as gírias que permeiam suas falas. Como exemplo dos símbolos usados por Hersey para apresentar um dos sobreviventes, o médico chamado dr. Masakazu Fujii:

Nos dias imediatamente anteriores à explosão, o próspero, hedonista e então pouco ocupado dr. Masakazu Fujii se dera ao luxo de dormir até as nove ou nove e meia, mas por sorte na manhã em que a bomba foi lançada teve de acordar cedo para despedir-se de um hóspede que ia viajar de trem (HERSEY, 2002, p.15).

A descrição, por sua vez, permite que o leitor enxergue através das palavras do autor sem o uso de adjetivos exagerados, mas sim de substantivos. Mais um exemplo:

O sr. Tanimoto era um homem baixinho, sempre disposto a conversar, rir e chorar. Usava o cabelo preto, um tanto longo, repartido ao meio; os ossos frontais salientes, logo acima das sobrancelhas, o bigode minúsculo, a boca e o queixo pequenos lhe conferiam uma estranha aparência de velho e jovem ao mesmo tempo, um ar de menino e no entanto sensato, frágil e no entanto apaixonado. (HERSEY, 2002, p.9).

Entre tantas possibilidades narrativas, é a escolha por contar a história a partir da experiência humana, com foco no personagem (que pode ser anônimo), que garante que a notícia seja humanizada. Nessa perspectiva, o autor/repórter é reconhecido como ser humano. Nas

palavras, transparece seu olhar diante do fato. A fonte é a pessoa/personagem inserida na história e o leitor, por consequência, consegue se identificar com o texto.

A identificação com o personagem pode acontecer por razões diversas. Seja por enxergar nele a sua própria história de vida, a de alguém próximo, ou simplesmente por sentir-se conectado com o texto por intermédio das técnicas literárias acima citadas, tal fenômeno facilita a compreensão. Como bem ilustra Medina (2003), fugindo da busca pela razão repleta de respostas, “há, na narrativa do cotidiano e no resgate que dele faz a arte e outras linguagens não-científicas, cheiros, gostos e gestos que ampliam a palavra conceitual e bem governada de um discurso científico” (MEDINA, 2003, p.59).

Em etapa de uma extensa pesquisa sobre narrativas da contemporaneidade, descrita por Medina em *A Arte de Tecer o Presente*, foram realizadas oficinas de recepção com leitores de escolas particulares e de comunidades, como a favela de Vila Nova Cachoeirinha, em São Paulo. Alunos de segundo grau de um grupo de escolas selecionadas pela Secretaria da 16ª Delegacia de Ensino tiveram livros-reportagem incorporados ao plano de trabalho de várias disciplinas. Posteriormente, os mesmos responderam com textos e discussões de grupo sobre a leitura. O resultado norteou “linhas de estudo para a narrativa da contemporaneidade praticada na reportagem jornalística, mas com validade para outras produções que abordem a contemporaneidade” (MEDINA, 2003, p.52).

Entre tantos aspectos, a identificação com o personagem se destaca:

Por contraste com os livros didáticos, mesmo os de história, os fruidores de 16, 17 anos consideram bem mais atraente a cena e saga contemporâneas narradas com a vitalidade da reportagem. Em segundo lugar, pesa para o leitor de uma narrativa o grau de identificação com os anônimos e suas histórias de vida. De certa forma, a ação coletiva da grande reportagem ganha em sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta do cotidiano (MEDINA, 2003, p.52).

As histórias - todas elas - falam, também, da própria nossa jornada, do nosso inconsciente. Por isso a identificação com situações já vividas, sentimentos já experimentados e mitos transmitidos através de gerações, pode acontecer frequentemente. Ainda sobre a pesquisa:

Os leitores rejeitam as cargas conceituais, os quadros puramente estatísticos, as teses ou as informações dogmatizadas. Manifestam claramente a preferência pela informação humanizada, vivida, exemplificada na cena cotidiana e protagonizada pelos heróis da aventura contemporânea (MEDINA, 2003, p.53).

O sucesso das biografias e de filmes e sagas sobre histórias de pessoas comuns que se transformam em heróis na jornada da vida tem relação direta com o grau de identificação do público com esses personagens.

Como demonstra Joseph Campbell em sua obra *O Herói de Mil Faces*, o arquétipo do herói, ou seja, aquele tipo arcaico de imagem universal que há tanto habita o inconsciente coletivo, está presente em todas as mitologias, religiões, contos de fada e sonhos da humanidade.

O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, ideias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humanos (CAMPBELL, 1995, p.13).

Ao analisar semelhanças em mitologias, religiões, contos de fada e folclores de todos os cantos do mundo, o autor constrói o monomito, um conceito de jornada cíclica que é sempre protagonizada pelo herói. Essa jornada periódica, também chamada de Jornada do Herói, representa um trajeto composto por diferentes etapas, que sempre levam o herói de volta para o início da jornada. Assim, “o percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: *separação-iniciação-retorno* - que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito” (CAMPBELL, 1995, p.13).

Assim como é possível identificar etapas da jornada em sucessos de bilheteria como *Star Wars*, *Harry Potter* e *Matrix*, na nossa própria história somos heróis em certos momentos, consideramos alguém como um mestre em outros, identificamos nossos amigos e aliados, aventuras e provas. Sendo assim, a notícia humanista conta a jornada de alguém e, ao mesmo tempo, a nossa. O herói está dentro de cada leitor e por trás de cada notícia.

Tal fenômeno de identificação, quando empregado na notícia, pode agir como facilitador da compreensão humana e da comunicação entre povos. Apresente estatísticas de mortes na Síria e o leitor verá números. Leia Dias de Inferno na Síria, de Klester Cavalcanti, e sinta-se parte do conflito sírio.

Considerando que o papel profissional do jornalista vai além de apenas informar, mas também orientar, como mencionado no início do presente artigo, é preciso ultrapassar o que está evidente para que aumentem as chances de essa função se concretizar. Sobre as várias formas de fazer jornalismo, Medina (2003) afirma que a vertente mais desafiadora “se pauta pela atitude pragmática de ir ao encontro das vivências cotidianas e colhê-las não com a metodologia explicativa, mas sim com os afetos e as simpatias da compreensão” (MEDINA, 2003, p.57). Ao sentir e se colocar no lugar do outro, o caminho da compreensão é mais curto. A notícia humanista pode trabalhar como ponte.

Referências

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

HERSEY, John. **Hiroshima**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2004.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.